

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

HISTÓRIAS E CULTURAS INDÍGENAS NO ESPAÇO ESCOLAR: DISCUSSÕES SOBRE A HISTÓRIA INDÍGENA DE ITANHANDU/MG E ABORDAGENS PEDAGÓGICAS

Gustavo Uchôas Guimarães

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais / Associação Mineira Sul
virginenseuchoas@bol.com.br

RESUMO

Os estudos da presença indígena e seus vários impactos ficaram mais intensos a partir da década de 1980. Em Minas Gerais, são vários estudos que buscam compreender as agências dos povos indígenas na formação da sociedade e da cultura mineiras. Esta pesquisa aborda o passado indígena do município de Itanhandu, no sul de Minas, e como este passado pode ser abordado de forma pedagógica, para que as pesquisas acadêmicas sejam acessíveis às escolas. Por análise bibliográfica, temos um panorama do passado indígena itanhanduense. Os principais grupos citados na história de Itanhandu são os Puri e os Cataguá; sobre estes, há divergências entre autores que os consideram como um povo (memorialistas do século XX que relatam a história de Itanhandu e arredores) ou que abordam os Cataguá como um grupo de indígenas que recebeu este nome dos colonizadores (abordagem feita em estudos acadêmicos no início deste século). O legado e os traços culturais destes povos podem ser abordados nos espaços escolares através de várias atividades. Assim, cumpre-se, de forma qualitativa, a Lei 11645/2008 e também uma árdua tarefa de afastamento do eurocentrismo e destaque das agências indígenas nos processos históricos formativos de Minas Gerais.

PALAVRAS-CHAVE: Itanhandu. Indígenas. Escolas.

INTRODUÇÃO

O município de Itanhandu se localiza no sul de Minas Gerais, na divisa com os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, em meio a Serra da Mantiqueira e sendo a nascente do rio Verde, um dos principais da região sul-mineira.

Segundo a divulgação feita pela Prefeitura Municipal de Itanhandu (com base em tradição local), o nome do município teria sido dado pelo grupo indígena Cataguá¹ e

¹ As menções aos nomes de povos indígenas seguirão a padronização feita pela Associação Brasileira de Antropologia: nomes com letra inicial maiúscula e sempre no singular. Fonte: ABA (Associação Brasileira de Antropologia). Convenção para a grafia dos nomes tribais. **Revista de Antropologia**, São Paulo: USP, ano 2, número 2, 1954.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

significa “ema na pedra” ou “ema de pedra”. Indo às raízes do nome Itanhandu, temos a contribuição de Ayrosa (1937, p. 93-94) ao apontar o significado de *ita* como algo duro (pedra, por exemplo) e *nhandu* como designativo da ema.

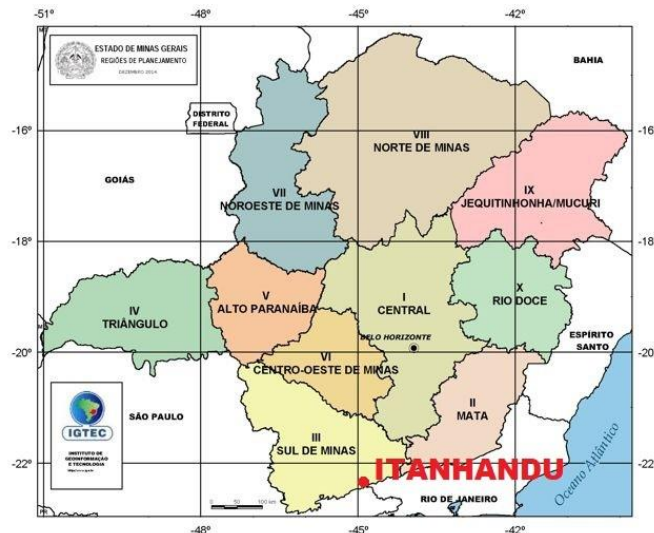


FIGURA 1: Localização de Itanhandu. FONTE DO MAPA: <https://www.mg.gov.br/conteudo/conheca-minas/geografia/regioes-de-planejamento> (o nome Itanhandu é acréscimo nosso)

O trabalho de pesquisa sobre a história indígena itanhanduense se dá, principalmente, com publicações do autor do presente estudo (GUIMARÃES, 2018; 2019; 2020; 2021). Este estudo tem por metodologia a análise bibliográfica – pesquisa, refinamento e priorização de produções (TREINTA *et al*, 2014, p. 508-520) – e reúne discussões anteriores, atualizando abordagens e pensando novas problemáticas a serem pesquisadas, debatidas e trabalhadas tanto no meio acadêmico quanto no meio escolar.

O primeiro tópico é intitulado “Presença Puri em Itanhandu?”, abordando as possibilidades em torno da presença de pessoas do povo Puri na Serra da Mantiqueira, especificamente onde hoje é Itanhandu.

O segundo tópico, com o título “Presença Cataguá em Itanhandu?”, traz discussões em torno do grupo chamado de Cataguá, problematizando sua presença na história itanhanduense (o que inclui uma abordagem sobre a tradição local a respeito de seu passado indígena).

O terceiro tópico traz o título “Presença indígena na escola”, apresentando sugestões para que professores trabalhem a história indígena local com os alunos, sendo

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ideias que, mesmo contextualizadas em Itanhandu, podem ser adaptadas a diversas realidades locais e educacionais.

PRESENÇA PURI EM ITANHANDU?

O povo Puri é originário dos atuais estados do Sudeste brasileiro, de acordo com o Centro de Memória do Povo Puri – CMPP (2020), que também informa o número de 675 membros do povo Puri na atualidade, baseado nos dados do Censo 2010, do IBGE. Voltando ao período colonial, podemos debater a presença Puri no território onde hoje é Itanhandu a partir de dados que podemos levantar em documentos referentes à região mineira da Serra da Mantiqueira e localidades próximas a Itanhandu.

Uma das fontes que podemos utilizar é o mapa etno-histórico publicado em 1944 pelo etnólogo alemão Curt Nimuendaju (1883-1945). É interessante notar, no mapa, que o povo Puri é referido em alguns pontos ao longo da Serra da Mantiqueira, entre eles a divisa de Minas Gerais com São Paulo, nas proximidades de Itanhandu. No mapa de Nimuendaju, a presença Puri nesta região é datada de 1800, o que também podemos ver nos relatos sobre os Puri que chegaram à Mantiqueira, nas proximidades de Guaratinguetá (São Paulo), ao longo dos séculos XVII e XVIII, em decorrência dos contatos e conflitos com colonizadores (MALHEIROS, 2008, p. 114; D'ELBOUX, 2005, p. 100).

Tal presença Puri na divisa de Minas com São Paulo é contemporânea ao início da formação de Itanhandu, conforme relatos das tradições históricas locais. Carvalho (2020, p. 24-25), ao falar das origens de Itanhandu, menciona a ocupação local através das terras doadas a Custódio Ribeiro Guimarães, fazendeiro português cujas terras, no século XIX, participaram da formação de vários municípios; Custódio era, no final do século XVIII e início do XIX, um dos maiores tropeiros daquela região (ANDRADE, 2008, p. 6). A Câmara Municipal de Itanhandu, em sua página oficial, traz a tradição local segundo a qual, no início do século XVIII, havia um pequeno aglomerado de casas, em meio a fazendas, dando origem ao Arraial de Barra do Rio Verde (o núcleo que originou a cidade de Itanhandu). No Arquivo Público Mineiro, encontra-se, entre outros documentos, a carta de sesmaria dada a Domingos Martins do Prado, em 1733,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

assegurando-lhe uma porção de terra que corre para “a parte de Itanhandú na sobre quadra das terras do mesmo Capivari” (1899, p. 855); o nome Itanhandu, no documento, refere-se ao ribeirão que deu seu nome ao município. Com estas referências do início da formação do município de Itanhandu, temos a situação, na virada do século XVIII para o XIX, de uma ocupação colonizadora no ponto da Serra da Mantiqueira onde hoje é Itanhandu, enquanto indivíduos do povo Puri marcavam presença, segundo o mapa de Nimuendaju, na mesma Serra, nas proximidades de Itanhandu. Os questionamentos que podemos fazer e que demandam pesquisas mais aprofundadas são: estes grupos (colonizadores e indígenas) tiveram contatos na localidade em que se formou o município de Itanhandu? Se sim, como se deram tais contatos e como estes grupos reagiram um ao outro e se relacionaram? Estas perguntas podem começar a ser respondidas a partir da abordagem no parágrafo seguinte.



ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PRESENÇA CATAGUÁ EM ITANHANDU?

Dentre as referências a grupos indígenas na região de Itanhandu, algumas trazem o nome Cataguá como tendo sido presente na formação local. A Prefeitura Municipal de Itanhandu, trazendo em sua página informações baseadas na tradição local, diz que o nome do município, a partir do ribeirão que também se chamava Itanhandu, “era chamado assim pelos índios Cataguases”. Souza (1950, p. 8), contando a história de Itanhandu e Itamonte, menciona presença Cataguá e, sobre estes indígenas, traz informações sobre objetos encontrados no bairro rural Bom Sucesso, em Itanhandu (seriam objetos cerâmicos, adornos e utensílios que integravam um ritual funerário), além de uma breve descrição sobre um conflito entre indígenas e colonizadores no povoado que passou a se chamar Conquista, em Itamonte.

As menções a um grupo de indígenas chamado Cataguá, porém, encontram problemas em discussões mais recentes. Por um lado, Paranhos (2005, p. 17-18) contesta o relato de Souza e afirma que, em Itanhandu e Itamonte, houve presença Puri, mas não houve presença Cataguá. Paranhos se apoia em estudos, por exemplo, de Darcy Ribeiro e Curt Nimuendaju para afirmar que os Cataguá não estiveram presentes na Mantiqueira. Por outro lado, temos produções e discussões em torno do próprio nome Cataguá. Mano (2020, p. 754-756) aponta que o nome aparece em documentação a partir do século XVII, mais como toponímia do que, propriamente, como um nome de um povo², além de discutir o fato deste nome ter sido dado por outros grupos a indígenas de diversos povos. Henriques, Costa e Koole (2004, p. 202) mostram que o nome Cataguá não aparece nos relatos feitos por bandeirantes dos séculos XVI e XVII, além de atribuir a autores mineiros do século XX a construção e popularização da narrativa segundo a qual os Cataguá foram derrotados por Lourenço Castanho Taques e sua bandeira (1675).

A partir destas abordagens, levantam-se vários questionamentos: quem foram estes indígenas a quem se chamam Cataguá? Como foram suas presenças ou passagens

² Paranhos (*op. cit.*) também liga o nome Cataguá a uma toponímia, apoiando-se em estudo de Waldemar Barbosa para afirmar que o nome foi dado, no interior de Minas, à região habitada por indígenas que, posteriormente, passaram a ser referidos como Cataguá.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pela região da Mantiqueira? Aliás, realmente houve presença ou passagem Cataguá pela Mantiqueira? Por que Itanhandu, assim como outros municípios da bacia do rio Verde, trazem a memória dos Cataguá em suas tradições locais? Estas e outras perguntas motivam pesquisas que ocorrem na região e instigam as que ainda poderão iniciar.

PRESENÇA INDÍGENA NA ESCOLA

Tanto quanto a pesquisa, também é necessária a maior interação dos ambientes escolares com aquilo que é pesquisado a respeito das culturas e histórias dos povos indígenas. No caso de Itanhandu, as discussões explanadas nos tópicos anteriores favorecem grande variedade de atividades que podem ser desenvolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

Uma primeira sugestão de atividade é a leitura comparativa de documentos históricos. Em sala de aula, um mesmo tema pode ser tratado com fontes diferentes, para que os alunos percebam diferentes olhares em torno de uma mesma temática. Por exemplo, ao abordar o povo Puri, o professor pode levar aos alunos o trecho de Armelino Guimarães, em seu livro *História de Itajubá* (1985), e a publicação *Txemim Puri* (2019), de Daniel Puri e Txama Puri; nas duas obras, o aluno poderá ver o ponto de vista do próprio Puri e o ponto de vista do colonizador. Ou ainda, pode-se também comparar as abordagens feitas sobre os indígenas locais pelo juiz Heitor Antunes de Souza, em *Esboço histórico de Itanhandu e Itamonte* (1950), e o artigo *A passagem bandeirante pelo Caminho Velho das Minas Gerais* (2005), do historiador Paulo Paranhos; nas duas publicações, o professor pode instigar o aluno a pensar e discutir as linguagens utilizadas para abordar a presença indígena e as descrições feitas sobre tal presença.

Ainda no campo documental, outra sugestão de atividade é a leitura de escritos, a respeito dos indígenas, produzidos por autores da região da bacia do rio Verde. Por exemplo, podem ser trabalhados os trechos sobre Baependi nas edições do *Almanack Sul-Mineiro* (1874, p. 395-396; 1884, p. 523-524) e o artigo *O sul de Minas e as bandeiras* (1996), de Monsenhor José do Patrocínio Lefort; sendo produções de épocas diferentes (segunda metade do século XIX e final do século XX, respectivamente),

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

oferecem olhares diversos a respeito do que se escrevia sobre os indígenas, com possibilidades de se pensar os interesses envolvidos, as mentalidades que envolviam quem escreveu os textos, entre outros aspectos.

O estudo dos aspectos culturais é outra sugestão de atividade junto aos alunos. No caso Puri, volta-se a sugerir a produção *Txemim Puri*, mencionada há pouco, como base para se estudar os elementos culturais que caracterizam o povo Puri. Ou ainda, pode-se abordar, no processo de ensino-aprendizagem, os elementos culturais presentes em nosso cotidiano e que encontram raízes nas diversas culturas indígenas. A pesquisa sobre estes elementos deve motivar, nos alunos, a reflexão e a discussão sobre os impactos dos contatos entre indígenas e colonizadores. Neste sentido, vale a pena o professor se aprofundar no conceito de integração abordado por John Manuel Monteiro em seu *Negros da terra* (1994, p. 159-175).

Além das sugestões anteriores, também se abrem a professores e alunos outras possibilidades em torno da história indígena. Podemos citar o trabalho com História Oral, em que se realize entrevistas com aqueles que se declarem indígenas ou que tenham conhecimento sobre indígenas na região (por ser descendentes, por exemplo); um método interessante para este trabalho é o proposto por Paul Thompson (1992, p. 254-278), que abrange um caminho simples para obtenção de informações orais em uma entrevista (prioridade a pessoas de mais idade, condução da entrevista com naturalidade e, preferencialmente, na casa do entrevistado, respeito ao tempo para não demorar muito com o entrevistado, etc). Ou ainda, podemos citar também as parcerias que resultem em excursões e palestras, interagindo professores e alunos com diversos espaços e pessoas ligados aos estudos de História Indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por sua localização na Serra da Mantiqueira, Itanhandu pode atrair ainda mais os olhares de pesquisadores, em especial os historiadores³, visto que a Serra da Mantiqueira foi, por muito tempo, parte da cobiça e da curiosidade de exploradores que,

³ Também se faz importante mencionar a necessidade de mais trabalhos arqueológicos na região.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

atravessando-a, iam em busca dos “sertões” e suas potenciais riquezas (MALHEIROS, 2008, p. 76). Um destes olhares de pesquisadores, certamente, deve voltar-se ao histórico indígena da região, procurando compreender as dinâmicas ocorridas entre os povos indígenas – suas culturas, formas de organização social, relações políticas, entre outros aspectos – e também entre estes povos e os colonizadores que, desde o século XVI, se aventuraram e exploraram a região.

No território que hoje abrange o município de Itanhandu, temos os relatos de presença indígena Puri e Cataguá. Notícias locais sobre objetos indígenas, encontrados em propriedades particulares no município⁴, podem apontar para uma presença que não foi apenas de passagem; no entanto, isto ainda carece de mais aprofundadas pesquisas. O que temos são os relatos de presença Puri, em autores que abordam Itanhandu e seu entorno, e a possibilidade de presença Cataguá, baseada em tradição local e objeto de discussões ao longo do tempo, haja visto que ainda se caminha nos estudos sobre quem foram os indígenas a quem se denominam Cataguá.

Além de Puri e Cataguá, o território de Itanhandu também pode ter sido local de presença ou passagem de indígenas pertencentes a outros grupos, a julgar pela proximidade com a Garganta do Embaú, por onde passavam exploradores e viajantes, e pelas notícias, em seus arredores, a respeito de grupos como os Carijó e os Coroados (GUIMARÃES, 2019, p. 34).

Estas notícias e evidências de presença indígena em Itanhandu podem ser aproveitadas no espaço escolar, como forma de cumprir o disposto na Lei 11645/2008 (sobre o ensino de história indígena nas escolas) e, mais do que simplesmente cumprir a lei, também promover a diversidade histórica e cultural que tem seus resultados e dinâmicas em nossa vida cotidiana.

Para profissionais da educação, as sugestões de atividades podem ser adaptadas, conforme os processos de ensino-aprendizagem, as realidades locais, o acesso a fontes históricas, entre outros fatores. Para pesquisadores das histórias e culturas dos povos indígenas, as abordagens e análises aqui feitas podem ser subsídios

⁴ Além do relato de Souza (1950, p. 8), sobre objetos encontrados no bairro do Bom Sucesso, também há, em Itanhandu, relatos orais de moradores que teriam encontrado, em suas propriedades, objetos cerâmicos como vasos e igaçabas. Porém, tais notícias necessitam de mais aprofundamento da parte de quem pesquisa a história local.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

para continuidade e aprofundamento das pesquisas, a fim de contribuir com os esforços de dar ouvidos a vozes que podem falar muito sobre a nossa formação histórica, social e cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANDRADE, Marcos Ferreira de. **Indicações sobre a produção e o comércio do fumo sul-mineiro**: análise do livro de notas do negociante Antônio José Ribeiro de Carvalho. Seminário de Diamantina, CEDEPLAR / Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. Disponível em: http://www.cedeplar.ufmg.br/seminarios/seminario_diamantina/2008/D08A014.pdf Acesso em 18.jul.2021.

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **A Domingos Martins do Prado**. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, v. 4, 1899, p. 854-856.

AYROSA, Plínio. **Comentários sobre o Livro VIII**. Disponível em http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Aayrosa-1942-comentarios/Ayrosa_GlossarioMargrave_ed1942_OCR.pdf, acessado em 02.jun.2018. Edição de 1937 (digitalizada).

BRASIL. **Lei nº 11645, de 10 de março de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm

CÂMARA MUNICIPAL DE ITANHANDU. **História de Itanhandu**. Disponível em: <http://www.itanhandu.cam.mg.gov.br/historia> Acesso em 01.jul.2021. Sem data de publicação.

CARVALHO, Eduardo Augusto de. **Itanhandu: história, memória e mistérios**. Belo Horizonte: Editora Dialética, 2020.

CENTRO DE MEMÓRIA DO POVO PURI. **O povo Pury**. Disponível em: <https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri/a-etnia-indigena-puri> Acesso em 08.jul.2021. Publicado em 2020.

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins. **Manifestações neoclássicas no Vale do Paraíba: Lorena e as palmeiras imperiais**. 2004. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13072005-231248/pt-br.php> Acesso em 01.jul.2021.

GUIMARÃES, Armelino. **História de Itajubá**. Itajubá: Edição do autor, 1985.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

_____. **Resumo didático da história de Itajubá.** São José dos Campos: Papercom, 2000.

GUIMARÃES, Gustavo Uchôas. **Histórias e culturas indígenas na educação básica.** 1ª Semana Acadêmica da FAPACI (Faculdade Presidente Antônio Carlos de Itanhandu), 03.set.2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T2FnZQ68BXY> Publicado em 04.set.2018.

_____. **Histórias e culturas indígenas na educação básica: sugestões de abordagem nas escolas de Itanhandu/MG.** In: COSTA, Antônio Marcos Foureaux; MOURA, Dayvison Bandeira de (org.). **Caleidoscópio pedagógico, diferentes olhares: práticas, concepções e educação inovadora.** Lisboa: Lisbon International Press, 2019. Pág. 125-139.

_____. **Histórias e culturas indígenas na educação básica.** II Seminário Brasil – Paraguai de Investigação Educativa, Universidad Del Sol (UNADES), Assunção/Paraguai, 16-18.jan.2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zxe2DvJRI5s> Publicado em 24.fev.2020.

_____. **Histórias e culturas indígenas na educação básica: propostas de abordagens a partir da história indígena de Itanhandu/MG.** X Encontro Nacional de Educação e II Seminário de Educação Inclusiva, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, 20-23.jan.2021.

_____. **O trabalho de visibilização dos indígenas nos estudos sobre Minas Gerais:** o caso sul-mineiro de Virgínia e seus arredores. Revista Espacialidades, Natal, v. 15, nº 2, jul.-dez.2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/19543/12644>

LEFORT, Monsenhor José do Patrocínio. **O sul de Minas e as bandeiras.** In: PREFEITURA MUNICIPAL DA CAMPANHA. Campanhenses ilustres. Campanha: 1996. Volume nº 8.

MALHEIROS, Márcia. **“Homens da Fronteira”:** Índios e capuchinhos na ocupação dos Sertões do Leste, do Paraíba ou Goytacazes. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/1/22188/1/malheiro.pdf> Acesso em 03.jul.2021.

MONTEIRO, John Manuel. **Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NIMUENDAJU, Curt. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes.** Brasília / Rio de Janeiro: IBGE / Ministério da Educação, 2002. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv81619.pdf> Acesso em 03.jul.2021.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

_____. **Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes.** Brasília: IPHAN / IBGE, 2017. 2ª edição. Disponível em: <https://povopuri.wixsite.com/memoriapuri/centro-de-memoria-do-povo-puri> [link “Território”] Acesso em 02.jul.2021.

PARANHOS, Paulo. **A passagem bandeirante pelo Caminho Velho das Minas Gerais.** Revista da ABRASP, nº 11, 2005, p. 11-24. Disponível em: http://www.asbrap.org.br/documentos/revistas/rev11_art2.pdf Acesso em: 14.out.2018.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITANHANDU. **A nossa História.** Disponível em http://www.itanhandu.mg.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=1&Itemid=2, acessado em 03.jun.2018.

PURI, Daniel Tutushamum; PURI, Mery Txama Xambé. **Txemím Puri.** Evento *Abril Indígena da Aldeia Maracanã*, Rio de Janeiro, 14.abr.2019.

SOUZA, Heitor Antunes. **Esboço histórico dos municípios de Itanhandu e Itamonte.** Itamonte: Gráfica São José, 1950.

TEIXEIRA, Luiz Gonzaga. **Cristina.** Belo Horizonte: Edição do autor, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TREINTA, Fernanda Tavares *et al.* **Metodologia de pesquisa bibliográfica com a utilização de método multicritério de apoio à decisão.** Revista *Production*, v. 24, n. 3, p. 508-520, jul/set.2014. Disponível em <https://www.scielo.br/j/prod/a/9BprB4MFDXfpSJqkL4HdJCQ/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 01.jun.2021.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Almanach Sul-Mineiro.** Campanha: Monitor Sul-mineiro, 1874.

_____. **Almanak Sul-Mineiro.** Campanha: Monitor Sul-mineiro, 1884.